

A escalada do conflito na Ucrânia na visão de Friedrich Glasl

Peter Susemihl

Em 24 de março de 2022, um mês após a invasão da Ucrânia por tropas Russas, Friedrich Glasl deu uma entrevista à sua colega Anja Köstler sobre o título “Dinâmica do conflito e possibilidades de paz na Ucrânia”.

Esta entrevista, realizada em alemão, está disponível no Youtube - <https://www.youtube.com/watch?v=qOXmlyY4LAc> - mas as legendas automáticas em inglês impedem sua compreensão efetiva para quem não domina o alemão. Alguns meses já se passaram, a guerra prosseguiu, mas o olhar não convencional de Glasl continua me parecendo merecedor de atenção. Escrevo este resumo como oportunidade para olharmos através dos seus olhos para uma situação de conflito real, dramática e altamente escalada.

Fritz Glasl tem uma longa carreira como professor universitário, mediador, consultor e assessor de órgãos de relações exteriores. Para nós destaca-se o grande significado de sua obra como estruturador, em conjunto com Rudi Ballreich e outros colegas no NPI e na Trigon, da preciosa metodologia de mediação de conflitos que utilizamos e ministramos na Formação de Mediadores Organizacionais.

Nesta entrevista, Glasl analisa a guerra sob a ótica da “dinâmica da escalada dos conflitos” em nove degraus, publicada desde 1988 em muitos idiomas no livro “Autoajuda em Conflitos”. Ele agora conecta os nove degraus à “lógica dos afetos”, conforme descrita por Luc Ciompi, psiquiatra suíço que demonstrou como a cada grau do conflito uma emoção domina e coloca as demais na sombra: ela domina e influencia como nos conduzimos.

A perda da confiança

Profundo conhecedor da sequência dos tratados internacionais desde as negociações para desarmamento da guerra fria, iniciados na década de 1970, Friedrich Glasl demonstra como até 1999 havia um ambiente de constante comunicação com a Rússia. A partir deste ano, quando a OTAN intervém na guerra da Iugoslávia sem mandato da ONU e no início dos anos 2000, quando George W. Bush “castiga” o Afeganistão, renunciando ao acordo de mísseis antibalísticos e erige bases para mísseis de médio alcance na Europa oriental “contra o Iraque”, tudo isso sem buscar consentimento ou negociar em organismos internacionais, a confiança começa a se perder.

Este momento é típico do terceiro degrau da escalada, chamado de “ações sem palavras”: o que restava de confiança dá lugar a um sentimento de intensa indignação. Assim, ao longo dos anos 2000, Putin começa a manifestar que a Rússia se sente ameaçada, como apontaram diversos interlocutores internacionais durante este período, o que culminou na invasão da Geórgia em 2008.

A linguagem da violência

Nos degraus seguintes da escalada, a desconfiança se aprofunda, levando à convicção de que “os fins justificam os meios” e que “o inimigo só entende a linguagem da violência”. Esta postura é oriunda de sentimentos que passaram pela desilusão profunda e chegam à amargura e à raiva (degrau 6 da escalada). Após o acordo “Minsk 2”, de 2014, a própria Ucrânia contribuiu para a tensão na região, deixando de cumprir acordos feitos com as regiões separatistas e reprimindo levantes de forma violenta.

Para Glasl, esta etapa da guerra já se iniciou no degrau 7 da escalada, no qual predomina o sentimento da sede de vingança, com a Ucrânia sendo tomada como refém e com as típicas mentiras de guerra e dissimulações. Na verdade, está em jogo o tema da segurança da Rússia em sua relação com a OTAN.

Glasl lembra que o degrau 7 gera sofrimento incomensurável, mas ainda não é o degrau 8, que é dominado pelo sentimento do “não tem volta”, nem degrau 9, marcado pelo sentimento de “juntos para o abismo”. A questão no degrau 7 ainda é: quem vai capitular politicamente?

continua ▶

Pontos de atenção aos governantes e negociadores

Aqui Glasl lança seus alertas, muitos deles endereçando reflexos típicos em situações de conflito:

- Nunca interromper a comunicação direta. Este parece ser um alerta contra a retirada de representantes diplomáticos dos países em guerra, que estimula o crescimento das suposições, das más interpretações pelo efeito “telefone sem fio”, causando profecias auto realizadas.
- Negociar também com mandatários não reconhecidos. Um alerta contra a demonização de interlocutores possíveis, a exemplo do ex-Chanceler alemão Gerd Schröder, tido como amigo de Putin e demonizado pela opinião pública alemã ao tomar uma iniciativa pessoal de procurá-lo.
- Não cair no reflexo da escalada de armamentista “para dar respostas adequadas”, reflexo identificado com a lógica dos afetos. Este é o paradoxo da competição armamentista: causamos exatamente o que queremos evitar. A história mostra que armamentismo empregado contra tendências hegemônicas nunca evitou guerras.
- Cuidado com as sanções econômicas: os atingidos são as pessoas aqui e atrás da fronteira. O levar adiante a destruição do sistema do inimigo não respeita os verdadeiros interesses das pessoas. E chegará a hora de ter-se que criar uma nova arquitetura de paz.
- Procurar os elementos de ligação entre os inimigos: heróis, arte, cultura, ciência, esporte, valores, objetivos. Cancelar a participação de atletas e artistas em eventos só contribui para o mal-estar entre as nações. Cultura livre é força de inovação.
- Nos eventos públicos, endereçar valores humanos, direitos humanos, direitos das nações, liberdade de arte, cultura, religião e discutir com busca de soluções. Glasl lembra que não foi o povo que escolheu a guerra, ele não é o inimigo.
- Identificar de que organizações ainda participam as partes inimigas: a Rússia continua membro ativo da ONU, da OSCE...
- Oferecer “portas do fundo” para que possam sair do palco de guerra sem “perder a cara”.
- Negociar a partir de ofertas, ao invés de fazer exigências.
- Trazer para o placo o consenso sobre o futuro não desejado: que catástrofe queremos evitar? Pensar na paz após a guerra: precisaremos de contatos respeitosos, confiabilidade.

E no plano pessoal...

No plano das reações pessoais, Glasl lança pontos de atenção para nós cidadãos:

- Preste atenção na atuação de forças demoníacas em si, quando se pega pensando “é imperdoável, terrível, o Putin tem que sumir” (e ideias mais radicais...): lembre-se de que se trata de um sistema, alguém representa cada lado, e o início de uma ordem de paz e segurança precisa ser criada.
- Que as pessoas não se deixem chamar para a região demonizada da impotência: manifestações de rua sensibilizam governantes.
- Gestos simbólicos não são gestos vazios, gestos simbólicos criam realidades. Tudo o que favoreça a capacidade de dialogar é desejável. Um exemplo é a atuação dos cosmonautas na estação espacial, usando roupa amarela e azul. E há pessoas que promoveram concertos de artistas Russas e Ucrânicas (na Holanda e na Suíça).
- Lembrar-se de que há guerra psicológica de ambas as partes: houve pontos cegos na imprensa ocidental sobre toda a história prévia, os tratados de Minsk I e II, os referendos após a dissolução da União Soviética, em que a Criméia, Sebastopol etc. se definiram como repúblicas autônomas e foram na época reconhecidas.
- É importante ficar atento para onde estão os pontos cegos e as mentiras também no lado ocidental, não só as mentiras que são ditas para a população na Rússia. Ficamos no conforto, mas também aqui se trabalha com guerra psicológica, por exemplo por objetivos da OTAN.
- Nas manifestações da sociedade civil não bradar “criminoso de guerra”, “Hitler”, “assassino”. Nunca alguém nesta situação se mostrou sensível a se tornar menos violento por causa destas manifestações. É mais útil fazer apelos para cuidar de crianças, de pais, de mães... dos direitos humanos... de todos. Cuidado com imagens agressivas como Putin coberto de sangue. Em vez disso, apelar aos interesses mais profundos das pessoas que tomaram responsabilidade histórica para si.

Não precisamos concordar com todas as sugestões, mas parece saudável ao menos considerá-las como alternativa em todos os conflitos altamente escalados. Vale o exercício: quais se aplicam aos conflitos que vivenciamos à nossa volta?